

# UM BAILE DE MÁSCARAS: cartas enviadas a personagens de Monteiro Lobato<sup>1</sup>

Patrícia Aparecida Beraldo Romano<sup>2</sup> 

## RESUMO

Procurando conhecer um pouco mais sobre cartas de crianças e jovens enviadas às personagens Emília e Dona Benta, este texto pretende discutir, a partir de uma dessas missivas, enviada à personagem Emília, o artifício da criação de “máscaras” do emissor e de “imagem” do interlocutor no processo composicional de cartas a Monteiro Lobato. Os resultados deste trabalho fazem parte de pesquisa maior de pós-doutorado e há nela o estudo de sete cartas de crianças e jovens enviadas às mesmas personagens, duas para a primeira e cinco para a segunda. Todo trabalho pressupõe pesquisa de fontes primárias no Arquivo Raul de Andrada e Silva, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo, além de buscas por outros espaços que congregam obras e material de pesquisa de/sobre Monteiro Lobato. Vários teóricos sustentam esta discussão, dentre eles, Debus (2004), Lajolo (2006, 2014), Lobato (1956, 1969), Raffaini (2008), Silva (2009), Tin (2014).

**Palavras-chave:** Cartas, Monteiro Lobato, Emília, Máscaras, Imagem.

## A MASQUERADE BALL: letters sent to Monteiro Lobato's characters

## ABSTRACT

Seeking to know a little more about letters from children and young people sent to the characters Emília and Dona Benta, this text intends to discuss, based on one of these letters, sent to the character Emília, the artifice of the creation of “masks” of the sender and of the “image” of the interlocutor in the compositional process of letters to Monteiro Lobato. The results of this work are part of a larger post-doctoral research and there is in it the study of seven letters from children and young people sent to the same characters, two to the first and five to the second. All work presupposes research of primary sources in the Raul de Andrada e Silva Archive, in the Institute of Brazilian Studies (IEB), at the University of São Paulo, in addition to searches for other spaces that congregate works and research material by/about Monteiro Lobato. Several theorists support this discussion, among them, Debus (2004), Lajolo (2006, 2014), Lobato (1956, 1969), Raffaini (2008), Silva (2009), Tin (2014).

**Keywords:** Letters, Monteiro Lobato, Emília, Masks, Image.

<sup>1</sup> Este texto é fruto dos estudos de pós-doutorado que a autora realiza, no presente momento, no Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo/USP.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará / Universidade de São Paulo

Autor Correspondente: Patrícia Aparecida Beraldo Romano  
E-mail: [paromano@unifesspa.edu.br](mailto:paromano@unifesspa.edu.br)

Recebido em 31 de Maio de 2022 | Aceito em 04 de Julho de 2022.

## 1 A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: A PESQUISA E O MUNDO DAS CARTAS A/DE MONTEIRO LOBATO

O gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude —é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e sem um só verbo que discorde do sujeito.

(LOBATO, Monteiro, 1956, p. 17)

“Mentir com elegância” parece ter sido uma atividade muito exercida por vários escritores mundo afora e Brasil adentro. Se num rápido rol de nomes seria possível lembrar Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, não se pode deixar de incluir nesse conjunto Monteiro Lobato. Missivista contumaz, Lobato teve a chance, quase única (se não única, no Brasil) de editar sua correspondência de mais de quarenta anos com o amigo mineiro Godofredo Rangel, em 1944. Além de publicar a obra, nesse ano, em volume único, ele pôde, para isso, rever as cartas, fazer algumas “podas” e suprimir outras cartas por completo: “[...] e se [elas] saírem com a minha revisão de semivivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semimorto já não subscreve” (LOBATO, 1956, p. 18).

Ao apresentar um estudo sobre esse texto, Émerson Tin, no capítulo *A Barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”*, no livro *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*, organizado por Marisa Lajolo (2014), comenta:

A primeira edição da obra, em volume único, foi a última publicada por Lobato pela Companhia Editora Nacional, a que esteve ligado por quase vinte anos. Passaria, então, à recém-criada Editora Brasiliense, pela qual, dois anos mais tarde, começariam a vir a público as suas *Obras Completas*, nas quais *A Barca de Gleyre* apareceria em dois volumes -e acrescida de cartas posteriores à primeira edição-, formato em que é mais conhecida atualmente. (TIN, 2014, p. 300).

E nesse trabalho de Lobato, logo na Dedicatória, o leitor muito acostumado, de modo geral, a dedicatórias relativamente sérias e pomposas, se depara com o seguinte texto:

### TRÊS NOMES...

Nesta casca de árvore quero escrever três nomes: o de Purezinha, a Mater Dolorosa com a qual vou descendo o morro, de mãos dadas e saudades em comum; o de Marjori, a criaturinha que simboliza todas as que se lembram de mim e me escrevem; e qual seria o terceiro, se não o de Ricardo, o Inesquecível? (LOBATO, 1956, 15).

Os estudiosos de Lobato sabem que Purezinha foi sua esposa e Ricardo, o amigo poeta, que muito cedo morreu ao cometer suicídio. Teria sido ele, para o escritor, uma de suas maiores perdas, porque era considerado o melhor, o mais sensível e inteligente de todos os amigos com quem interagira enquanto estudava Direito na Universidade de São Paulo. Mas, quem seria Marjori? É a partir da descoberta sobre esse nome, a ser recuperado ao final desta discussão, que este texto se constrói, na tentativa de apresentar ao leitor alguns missivistas crianças e jovens.

Ao longo de uma correspondência de mais de vinte anos (1932-1946), muitos leitores mirins se corresponderam com Monteiro Lobato. Durante todo esse tempo, o escritor se manteve fiel às respostas que emitiu para todos os leitores de suas obras dispostos sempre a discuti-las com ele. No montante de mais de duzentas cartas que restaram guardadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), será escolhida uma delas, enviada à boneca Emília e, sobre essa missiva, serão feitas algumas elucubrações.

Essas reflexões partem dos estudos sobre a elaboração da “máscara” construída pela missivista e da imagem que ela faz do interlocutor, no caso, a boneca de pano Emília, e como isso se relaciona ao mundo de

fantasia e imaginação criado nas obras infantis pelo próprio Lobato. Para discutir teoricamente o assunto, textos de Haroche-Bouzinac (2016), Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997), Debus (2004), Raffaini (2008), Moraes (2005), Angelides (2001) dentre outros serão utilizados.

## 2 CARTAS DE CRIANÇAS E JOVENS ENVIADAS A MONTEIRO LOBATO: O ACERVO RAUL DE ANDRADA E SILVA E O GÊNERO EM QUESTÃO

Carta é um gênero que parece dialogar bastante com a literatura, já que é possível encontrar no interior de muitos romances, cartas enviadas de uma personagem a outra, como é o caso de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Ou ainda um romance nascer a partir da troca de cartas e telegramas, como é o caso de *A caixa preta*, de Amós Oz. Se motivações políticas podem gerar essas trocas no texto Oz, no século XX, o amor pode ser o motivo de outros textos como as famosas *Cartas Portuguesas*, de Mariana Alcoforado, redigidas, no século XVII, ou mesmo o texto de Goethe, no século XVIII, cujo desfecho no romance epistolar conduz a um final trágico.

Embora nesses casos, a carta faça parte da criação literária e seja, por isso, também ficção, há de se perguntar como esse gênero funciona quando se fala, por exemplo, de cartas de leitores a escritores, caso aqui a ser estudado. A continuação da epígrafe desse texto, atribuída a Monteiro Lobato, na abertura de *A Barca de Gleyre*, é a seguinte: “[...] Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana” (LOBATO, 1956, p. 17). Será mesmo? Haverá apenas um mínimo de mentira humana nas cartas? O que Lobato estaria entendendo por mentira?

Em *Memórias da Emília* (1936), ao ser questionada por Dona Benta sobre o que era a verdade, a boneca responde: “Verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia” (LOBATO, 1959, p. 8). Seria para Lobato, então, o mínimo de mentira nas cartas apenas um pouco da verdade da vida? Se nas correspondências a mentira reina apenas “um pouquinho” é porque nem tudo que escreve é, de fato, a verdade, ou talvez seja aquela “verdade” de que quase ninguém desconfia!

E se o leitor aqui deste texto levar em consideração a veia missivista de Lobato, somada à elaboração de sua personagem Emília, pode começar a imaginar que, em muitas de suas cartas, há mais do que a “pura” verdade. Monteiro Lobato trocou, em vida, cartas sobre os mais diversos assuntos com as mais diversas pessoas com quem se relacionou. Trocou cartas de amizade com Rangel e inúmeros outros colegas, como Anísio Teixeira<sup>1</sup> e Fernando Azevedo; cartas com escritores famosos (tanto quanto ele) como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Lima Barreto<sup>2</sup>; cartas comerciais, com Charles Frankie<sup>3</sup>; políticas, com Getúlio Vargas; domésticas, com as irmãs, Judith e Teca; de amor, com Purezinha<sup>4</sup> e mais de 200 com crianças e jovens que, segundo Cavalheiro, no prefácio a *Cartas Escolhidas*, diria: “Mesmo as ingênuas cartas infantis mereciam-lhe carinhosa atenção” (LOBATO, 1969, p. 8). Sobre todas elas, Cavalheiro continua: “E em todas as suas respostas, das mais importantes às meramente protocolares, deixava a ‘marca’ inconfundível da sua personalidade, a graça de um estilo vivo, pitoresco, saboroso” (LOBATO, 1969, p. 8).

As missivas infantis que restaram preservadas, a quem Lobato carinhosamente sempre dedicou seu tempo com respostas, encontram-se, hoje, no arquivo Raul de Andrada e Silva, no acervo do Instituto de Es-

1 Vianna, Aurélio; Frainz, Priscila (org.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV, 1986.

2 Cavalheiro, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2017.

3 Chiaradia, Kátia Nelsina Pereira. *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): Edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária, Unicamp, 2016.

4 Lobato, Monteiro. *Cartas de amor* (Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta). São Paulo: Brasiliense, 1969. Há também o texto organizado e apresentado por Marisa Lajolo, *Quando o carteiro chegou.....: cartões postais a Purezinha*, publicado pela editora Moderna, em 2006.

tudos Brasileiros (IEB), na Universidade de São Paulo (USP). As mais de 200 cartas que lá se encontram foram entregues a uma senhora chamada Marina de Andrada Procópio de Carvalho<sup>5</sup>, amiga de Lobato, com quem ele também se correspondeu. Há ainda neste arquivo uma carta de Marina ao escritor, datada de 1945, e seis cartas de Monteiro Lobato a Marina, todas datadas de 1946, ano em que ele partiu de mudança para a Argentina e já teria deixado com ela a correspondência infantil<sup>6</sup>. As missivas do escritor para a senhora amiga são de uma beleza ímpar, ricas em graça e que teriam arrancado, muito possivelmente, respostas de Marina. Infelizmente, se existiram, não chegaram a ser entregues por ela a Raul de Andrada e Silva, que as deixou, em testamento, para serem encaminhadas, junto com as infantis, ao IEB. Sendo assim, infelizmente, hoje, é possível que nunca se saiba como essa amiga recebeu a delicadeza das cartas de Lobato.

Mas o que se sabe é que as missivas dos leitores infantis, cerca de 246 cartas catalogadas, que se estendem de 1932 a 1946<sup>7</sup>, estão disponíveis no IEB para serem consultadas e estudadas. Ainda hoje sem uma edição delas publicada, o pesquisador vai encontrá-las reunidas em pastas e catalogadas por data apenas. Estão todas preservadas e lê-las é embarcar em uma viagem pela imaginação das crianças leitoras da obra de Lobato e que moravam nos seus textos, realizando o desejo dele ao escrever, em 07/05/1926, a Rangel: “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” (LOBATO, 1956, p. 293).

As cartas são sempre escritas por crianças ou jovens, leitores das aventuras da turma do Sítio. Escrevem para comentar com Lobato sobre suas experiências de leitura e até mesmo tecer críticas positivas ou negativas, em alguns casos, como a de leitores que gostam mais de um ilustrador que de outro e chegam mesmo a fazer uma análise, à moda deles, do traço desses ilustradores. Eis o que menino Ângelo aponta sobre os desenhos feitos da boneca Emília por Jurandir Ubirajara Campos:

E por falar nisso, por onde anda o Belmonte? Os desenhos de J. U. Campos são os melhores. A Emília do Campos é graciosa! A Emília é muito bem desenhada! O Pedrinho é ótimo! Dona Benta idem! O J. U. Campos é um bom desenhista, mas o Belmonte não fica atrás não!

O Belmonte é uma espécie de caricaturista, como na “Aritmética da Emília” e “Emília no País da Gramática”, que são bons desenhos. Eis minha impressão dos desenhistas. Eu quando for escritor, e tradutor, meu desenhista vai ser o Campos!<sup>8</sup>

É possível compreender o quanto as crianças se envolviam nesse mundo das imagens dos ilustradores de Lobato e o quanto queriam apresentar a ele a opinião delas até para dizer que, por isso, gostariam de ver outros livros com tais ilustrações.

Outros missivistas pedem retratos de Lobato para colocarem nos Grêmios escolares ou Clubes de Leitura que levam seu nome ou mesmo para os terem em suas casas. A seguir, dois exemplos, respectivamente: “Queremos o seu retrato para pormos num quadro e colocá-lo em frente a nossa biblioteca. o srn foi eleito nosso patrono”<sup>9</sup> e “Eu o admiro tanto que quero um retrato seu para ter em meu quarto ao lado do retrato de meu pai”<sup>10</sup>.

5 No trabalho de pós-doutorado, desenvolvido pela autora deste artigo, haverá um breve estudo sobre Marina de Andrada Procópio de Carvalho, a fim de esclarecer um pouco mais sobre a história dessa senhora que recebeu as cartas infantis enviadas a Monteiro Lobato.

6 No arquivo de Monteiro Lobato, existente na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo, há uma sétima carta de Lobato a Marina, datada de 1947, na qual ele a autoriza, por três anos, a fazer a radiofonação de sua obra infantil. Ao final da carta, há uma nota informando que a original dela se encontra no setor de obras raras da Biblioteca Mário de Andrade.

7 Informações obtidas na tese *Pequenos poemas em Prosa* (2008), de Patrícia Tavares Raffaini

8 Carta de Ângelo Castro. Rio de Janeiro, 07/03/1944. IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 03, doc 10.

9 Carta de Lincoln Geraldo de Féo. Cidade do Prata/MG, 15/05/1936. IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 02, doc. 12. Foi mantida a grafia conforme encontra-se na carta.

10 Carta de Severino. Rio de Janeiro, 13/05/1945. IEB/ Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P 03, doc 22.

Há os que desejam, a todo custo, fazer parte de alguma aventura da turma do Sítio e arriscam o pedido que, em alguns casos, foi atendido pelo escritor, como ocorreu na edição de 1929 do livrinho *Circo de Escavatinhos*, com ilustrações de Belmonte. Anos mais tarde, em 1931, ao publicar *Reinações de Narizinho*, que reunia todas as histórias dadas ao público de forma “avulsa”, na década de 20, Lobato retiraria a presença das crianças missivistas que tinham sido inseridas anteriormente. Motivo? Talvez por não poder satisfazer a todos os missivistas que lhe escreviam com o mesmo desejo, o escritor tenha evitado que apenas alguns ficassem imortalizados no texto<sup>11</sup>.

Algumas missivas são curtas com impressões gerais sobre uma ou outra obra; outras são longas e com observações muito espontâneas e até relativamente críticas sobre alguns textos. Há missivista que escreveu apenas uma carta; há outros que escreveram várias<sup>12</sup>. É importante pensar que esse material disponível no IEB já foi tema de pesquisa de vários trabalhos acadêmicos. Alguns tomam o arquivo de forma integral, como os de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, de 2001, e Patrícia Tavares Raffaini, *Pequenos poemas em prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*, em 2008; outros, parcialmente, como os de Émerson Tin, *Em busca do Lobato das cartas: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*, 2007, e Raquel Afonso da Silva, *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*, 2009. Há ainda, anteriores a essas pesquisas, a própria biografia de Edgard Cavaleiro, *Monteiro Lobato, vida e obra*, de 1955, e a biografia elaborada por Carmen Lúcia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta, de 1997, *Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia*. Esses dois últimos foram publicados em forma de livros e apresentam, cada um, capítulo destinado a estudar algumas dessas cartas.

Todos esses trabalhos de pesquisa se fundam numa tentativa de entendimento sobre como as missivas de crianças e jovens enviadas a Lobato poderiam contribuir para melhor compreender o universo de produção das histórias infantis do autor a partir da opinião de seu público leitor, e/ou como isso poderia ter contribuído para uma proposta de projeto de leitura que, como alguns estudos apontam, havia nos textos infantis lobatianos, ou ainda que máscara de si e imagem do outro esses missivistas costumavam construir, objeto de estudo deste texto que aqui se apresenta.

A tudo isso também se soma o trabalho de estudo da materialidade dessas missivas que, em muito, enriquece a possibilidade de compreender o universo de práticas de escrita e de leitura das crianças e jovens entre os anos 20 e 40 do século passado, processo bastante diferente do público leitor atual que tem mostrado maior necessidade de mediação por parte de pais ou de professores, tendo em vista a distância histórica da produção dos textos e também a linguagem utilizada por Lobato, com suas gírias e brincadeiras que, em grande parte, precisam de contextualização para serem bem compreendidas e internalizadas. Sobre a importância dessas cartas como fonte de pesquisa, cita-se trecho de trabalho de Raffaini (2015):

[...] as cartas de leitores são uma importante fonte documental possibilitando no campo da história da leitura elucidar como a leitura era feita, qual era a recepção de determinados autores e suas obras, além de aspectos sobre a distribuição e o comércio de livros. Além dessas informações, mais diretamente ligadas à recepção literária, ao trabalhar com as cartas temos também condições de perceber aspectos ligados ao cotidiano dos leitores, suas visões de mundo entre outros (RAFFAINI, 2015, p. 131).

11 Trechos desse parágrafo e dos dois seguintes foram publicados no capítulo “Máscaras e disfarces: cartas de crianças e jovens a Emília e Dona Benta, de minha autoria, no livro *Monteiro Lobato: Novos Estudos*, organizado por Vanete Santana-Desmann, John Milton e D’Onofrio, Silvio Tamasso, pela editora Oxalá, em 2022, por ocasião da III Jornada Monteiro Lobato. Sofreram, para este trabalho, algumas alterações.

12 As cartas estão agrupadas também de acordo com a autoria do missivista. Dessa forma, é possível encontrar, em alguns casos, as várias cartas de um mesmo missivista em datas subsequentes. Um exemplo são as cartas de um jovem chamado Modesto Marques, que envia 6 cartas a Lobato, sendo uma delas à Emília, outra a Dona Benta e quatro destinadas diretamente ao escritor. As cartas desse missivista também se constituem objeto de estudo de nosso trabalho de pós-doutorado.

A partir dessa preocupação com as cartas infantis e escolhendo-se uma missiva enviada à personagem Emília, o item a seguir convida o leitor a participar de um certo “baile de máscaras”, quase uma diversão ou tentativa prazerosa de convencer o interlocutor a conhecer as máscaras do missivista e a imagem por ele criada do interlocutor no processo de convencimento elaborado no texto epistolar.

### 3 MÁSCARAS E IMAGENS: UM BAILE DE MASCARADOS NAS MISSIVAS INFANTIS A MONTEIRO LOBATO

O pesquisador que chega ao IEB em busca das cartas de crianças e jovens a Monteiro Lobato talvez não tenha real ideia do que encontrará no Arquivo Raul de Andrada e Silva. São cerca de três grandes caixas com várias pastas que contêm a correspondência passiva de Lobato escrita pelas crianças (246 cartas). Além disso, há também pastas com cartas de adultos a Monteiro Lobato, envelopes de algumas cartas, inclusive desenhados pelas crianças; uma pasta de trabalhos de crianças sobre as obras infantis com desenhos sobre o contexto delas e das personagens; algumas cartas manuscritas de Lobato a Rangel e a outros missivistas; documentação pessoal do autor, como um passaporte; uma série de matérias extraídas de periódicos e alguns retratos de missivistas que, hoje, encontram-se separados das cartas.

Depois de se dedicar a consultar e ler todas as missivas infantis, o pesquisador começa a ter alguma ideia do universo em que Lobato vivia ao receber essas cartas e passa a imaginar como seria a espera dos missivistas crianças e jovens pelas respostas do escritor. Receber uma carta-resposta significava que sua cartinha tinha passado pelas mãos do Lobato que, com atenção, se detivera no texto da criança e dedicara parte de seu dia de trabalho a responder a alguém que, em princípio, pouca importância poderia ele imaginar ter para Lobato. A carta-resposta justamente poderia funcionar como a chancela de que Lobato se importava com seu jovem leitor, o que também poderia lhe garantir mais leitores para seus próximos textos. Seria mesmo um interesse e respeito pelo jovem público leitor dele? Seria uma “sacada” editorial para aquela época (e hoje ainda?)? Seria uma estratégia daquilo que apenas anos à frente se chamaria de *marketing*? Talvez tudo isso junto possa ser a resposta a essas perguntas, afinal, depois de declarar, em algumas entrevistas, o quanto esse público era importante para ele, em entrevista publicada na *A Gazeta de São Paulo*, de 22/04/1943, intitulada “Monteiro Lobato fala de seus livros infantis”<sup>13</sup>, afirmaria que, além das cartas de pura admiração, havia outras, as mais interessantes, talvez.

Em geral são meninas que estão abrindo os olhos para o mundo de lá de fora. Ou garotos que soletram as primeiras aventuras do Pedrinho. Uma quer que a Emília compareça à sua festinha de aniversário. Outra suplica ao escritor que o leve ao sítio, deseja conhecer dona Benta, brincar com o Rabicó, falar com o Burro Falante, ouvir uma “asneirinha” da Emília, comer, sobretudo comer os bolinhos de Tia Anastácia [sic]. Outra ainda manda pamonha e pipoca para distribuir entre o “pessoalzinho” como lembrança. As cartas amontoam-se. Lobato confessa que responde a todas, uma por uma. Jamais deixou uma criança sem resposta.

–Escrever para crianças! Exclama ele. Ah, meu amigo, é admirável... Elas não têm malícia. Aceitam tudo, tudo compreendem.

Ao ler essas cartas, o pesquisador já se depara com certo encantamento. Além de ser um mundo de muita imaginação, há o encontro com algumas que se destinam não exatamente a Lobato, mas a duas de suas personagens: Emília e Dona Benta. São sete cartas no conjunto das 246, duas a Emília e cinco a Dona Benta, sendo, dessas cinco, uma destinada a Lobato, mas que pede a ele que a encaminhe a Dona Benta. É como se o pesquisador adentrasse num mundo de máscaras e mascarados, tendo em vista que, como se não bastassem as missivas a Lobato, é necessário mais uma camada de imaginação e dissimulação! Como lembra Haroche-Bouzinac:

13 Pasta de recortes diversos IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva.

Com o epistológrafo, penetra na mensagem uma parcela de imaginário proveniente da representação que ele se forja da relação mantida com o destinatário, da imagem que oferece de si mesmo. Além disso, como em toda comunicação, age em segredo o que Freud chama de “guardiã da antecâmara”, censura pessoal que atua à revelia dos epistológrafos. A carta dissimula tanto quanto revela (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 25).

Para a pesquisadora francesa, “A carta [...] é sempre, e em diversos graus, uma encenação de si. A sinceridade do epistológrafo não passa de um mito no qual alguns têm acreditado” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p, 24). Essa afirmação talvez possa ir ao encontro da “quase verdade” a que se fez referência no início desse texto a partir de comentário de Lobato em *A Barca de Gleyre*. E assim, ao responder a seus missivistas infantis e até mesmo por atender a quase todos os seus desejos – desde fotografias, envio de livros e, até mesmo à inserção de alguns em seus textos literários– é que Lobato parece selar laços de familiaridade com esse leitor que se permite experimentar algumas proximidades maiores, vestindo máscaras até certo ponto “arriscadas”, já que, ao fazer isso, precisa também criar e investir na imagem de seu interlocutor: Lobato/personagem da obra (Emília ou dona Benta).

Com isso, de documento carregado de informações, a carta pode caminhar para próxima de algum gênero literário, transformando-se numa quase-ficção, ao exercer a função poética da linguagem, com seu emissor vestindo uma máscara e construindo uma imagem quase estética de seu interlocutor, uma personagem. De acordo com Sophia Angelides, em *Carta e Literatura*:

Embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento, de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham o cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material linguístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor [emissor infantil, no caso], que recria a sua experiência pessoal. A este propósito, Jakobson lembra, oportunamente, que o ator, ao retirar a máscara, mostra sua maquiagem (ANGELIDES, 2001, p. 23).

E, com isso:

O próprio caráter espontâneo e fragmentário, a alternância da linguagem poética e não-poética, os clichês, tudo isto é inerente ao gênero epistolar. A passagem da simples comunicação não literária para a linguagem literária, e vice-versa, confere à carta um aspecto particular, misto de documento informativo e texto literário (ANGELIDES, 2001, pp. 23-24).

Na “Carta ao leitor”, abertura da obra *Me escreva tão logo possa*, antologia da carta no Brasil, organizado por Marcos Antonio de Moraes, o estudioso traz a seguinte discussão sobre “máscaras” no gênero:

Também em nossas cartas elegemos particularidades de nossa psicologia e acabamos definindo espécies de “máscaras”. Quando nos dirigimos àquela pessoa amada nos tornamos melosos, chamamos a pessoa de benzinho, paixão etc. Se escrevemos a um colega, deixamos de lado toda essa “pieguice”. A nossos professores, redigimos um bilhetinho bem-arrumado, com todas as crases e pronomes no lugar certo. E, assim, a cada um deles somos diferentes, mostrando faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme as nossas conveniências (MORAES, 2005, p. 12).

A partir dessas questões, parece importante buscar uma possível definição para “máscara”. Ao consultar o Dicionário de Símbolos, de Chevalier e Gheerbrant (2020), é possível, dentre vários recortes teóricos, escolher o seguinte:

O ator que se cobre com uma máscara se identifica, na aparência, ou por uma apropriação mágica, com o personagem representado. É um símbolo de identificação. O símbolo da máscara se presta a cenas dramáticas em contos, peças, filmes, em que a pessoa se identifica a tal ponto com o seu personagem, com a sua máscara

ra, que não consegue mais se desfazer dela, que não é mais capaz de retirá-la; ela se transforma na imagem representada [...]. Pode-se imaginar todos os efeitos que é possível tirar dessa força de assimilação da máscara (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 669).

É nesse processo de se “mascarar” a todo momento, procurando convencer o interlocutor de que ele, emissor, também pertence ao mundo dele, de que sua interlocução está à altura, no caso das personagens, que se faz o convite ao leitor de adentrar no universo de uma dessas sete cartinhas, a da missivista que assina Pituchinha e cuja carta ela envia a Emília.

No arquivo Raul de Andrada e Silva há duas cartinhas dessa missivista. A primeira, datada de 29/11/1945, e vinda de Belo Horizonte, traz como interlocutor o próprio Lobato. A segunda, sem data, mas que parece, por conta de certa dependência de conteúdo da primeira, ser mesmo posterior a ela. O papel usado foi o pautado e dobrado ao meio, as duas missivas foram escritas à mão, com tinta preta. Abaixo, segue a carta datada:

Belo Horizonte, 29/11/45

Meu amigo,

Vamos tratar hoje de um assunto muito sério: no Congresso, no último dia, discutindo com um colega eu lhe disse que os mineiros não aceitavam as “ideais” de Monteiro Lobato, que como me disse Vicente Guimarães, é um “ateu”.

Isso porque no seu “O Picapau Amarelo”, nas primeiras páginas, falou o senhor não me lembro mais, num negócio de que se as fadas têm o poder, são iguais a Deus.

Não tenho certeza se foi isso mesmo que disse Vicente Guimarães, mas vá lá, leia assim mesmo e confira.

Eu li a sua carta, mas não concordo com que disse o senhor: se não existe um “osso” de Adão, existem os livros católicos, ou a Bíblia que podem provar que o homem descende de Adão.

Eu gosto de franqueza e peço ao senhor que não fale assim dos padres e que nem a Emília, o Quindim podem ser tão descentes quanto os padres, quando vir a Belo Horizonte, procure-me que talvez consiga “convertê-lo”...

Aqui, por carta, é-me impossível discutir, mas com a sua presença acho que facilitará. Não se zangue com a minha sinceridade, que sei não o perturbará (sic).

Venha logo pois estou a esperá-lo. Lembranças aos decentíssimos personagens do sítio. Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra. Uma beijoca e um monte de saudade.

Pituchinha que o espera saudosa.

Ela se inicia com um vocativo bastante próximo: “Meu amigo” e a despedida também se apresenta como a de alguém que desfruta de certa intimidade: “Venha logo pois estou a esperá-lo. Lembranças aos decentíssimos personagens do sítio. Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra. Uma beijoca e um monte de saudade. Pituchinha que o espera saudosa”<sup>14</sup>.

A impressão inicial que se tem lendo a carta datada é a de que existiram outras anteriores, que foram trazendo a intimidade para que a missivista chame Lobato de “meu amigo”. Além disso, em “vamos tratar hoje de um assunto...”, o advérbio de tempo sugere que, em outro momento, em outra carta, a missivista já tratou de diversos outros temas com o escritor. Sendo assim, a frequência pode ter trazido a proximidade. Ela também informa que, “no Congresso”, conversou com um colega que não admirava Lobato que, como lhe

14 Carta de Pituchinha (Rosa Alice Godoy). Belo Horizonte, 29/11/45, IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P03, doc. 39.



informa Vicente Guimarães<sup>15</sup>, era um ateu. O que há aqui é uma série de informações sugeridas, embora não confirmadas: a missivista tem livre acesso a um espaço público por onde circulam pessoas públicas e com quem ela se relaciona; além disso, ela conhece Vicente Guimarães, que foi jornalista e escritor de literatura infantil, o criador da personagem vovô Felício, que ele também usou como pseudônimo em alguns de seus textos. Além disso, quem seria essa “criança” que tem acesso a esse espaço público e amigos como Vicente Guimarães? Não há referência alguma à idade da missivista na carta e o documento se encontra junto à outra carta destinada à Emília.

Nos três parágrafos seguintes, a missivista adentra numa breve discussão sobre religião e fé que termina com ela dizendo que a Bíblia poderia comprovar que o homem descende de Adão e ela concorda com isso, mas discorda de Lobato, que é ateu, e ainda dá uma “dura” no escritor, dizendo não gostar de as personagens de sua obra desdizerem das coisas de Deus. Informa ainda que, quando ele for a Belo Horizonte, espera ter a chance de fazê-lo mudar de ideia, talvez até convertê-lo!, mas isso numa conversa pessoal, não por carta. Pede a ele que não se zangue, embora saiba que isso provavelmente não acontecerá. Seria mais um índice de proximidade dela com o escritor?

Ao finalizar a carta, insiste que ele vá logo a Belo Horizonte e manda lembranças a todas as personagens do Sítio que considera muito decentes. Curiosamente, informa das “Saudades a todos os da biblioteca e à Dona Lenyra”, o que também sugere que a jovem já esteve em São Paulo e conhecia não apenas a biblioteca infantil e juvenil como também Dona Lenyra Fraccaroli, que era muito próxima de Lobato.

Finaliza enviando uma “beijoca” e informando que sente um “monte de saudade”, fechamento esse de uma epístola, cuja proximidade com o destinatário parece ser grande. Reclama atenção ainda o “tom” da missiva. Embora a carta esteja catalogada como pertencente a cartas infantis<sup>16</sup>, não seria uma carta de uma jovem ou ainda talvez de uma senhorita que teria sido leitora na infância das obras infantis de Lobato ou mesmo, além de leitora, parente de conhecidos do escritor? Algumas pesquisas no arquivo do IEB, como a tese de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido* (2001), já demonstraram? Esse “tom” a que se fez referência muda um pouco na carta abaixo, destinada a Emília.

Minha cara Emília,

Bons ares!

Por intermédio do seu criador, o célebre Monteiro Lobato, recebi uma pitada do pó do Pirlimpimpim, e cheguei como “bomba atômica”.

Emília, você me poderia prestar um favor?

Quando em São Paulo, esqueci de “Pedir” um pedaço da sua costeleta e peço-lhe mandar sem falta, para ficar no museu como preciosidade.

Já estou preparando a sua chegada aqui em Belo Horizonte.

O pasto do Quindim tem sete alqueires e uma porteira como a do Picapau Amarelo, para lembrar-se do sítio.

Narizinho, você e Pedrinho dormirão comigo.

15 Vicente de Guimarães foi tio de Guimarães Rosa e escritor de literatura infantil e juvenil. Era mineiro de Cordisburgo, como Rosa.

16 Existe uma catalogação que foi feita pelo IEB e que consta toda ela no Anexo 1 da tese de doutorado de Raquel Afonso da Silva, intitulado: *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*, 2009, pp. 173-186. Nela, as duas missivas aparecem como pertencentes a cartas a Monteiro Lobato, sem real especificidade sobre se aqueles missivistas foram todos crianças.

Quanto a Tia Nastácia e Dona Benta, que se arrumem...

O livro da História do Mundo ainda será lido, e hei de “discordar de algumas partes, com minha inteligência tão penetrante”...

Não precisarei da pílula falante pois já falo pelos cotovelos.

Peça ao Dr. Cara de Coruja uma pílula para o meu cachorrinho.

Espero pelas costeletas de porco e a resposta.

A menina prodígio

Pituchinha

Exma snha [srta???] Rosa Alice Godoy

Rua São Paulo, 2189

Belo Horizonte

capital

“As ordens”

Bairro de Lourdes<sup>17</sup>

A carta chama a atenção logo no início por se tratar de texto enviado a Emília. O vocativo, “Minha cara Emília”, não deixa dúvidas e ainda vem acompanhado de uma saudação: “Bons ares”. Em se tratando de uma criança, o que a levaria a criar essa máscara sob a qual ela se disfarçaria inicialmente? A paixão pela personagem? O desejo por conhecê-la e dela tornar-se amiga? Poderia funcionar para solicitar algo a Monteiro Lobato? Possivelmente as hipóteses parecem possíveis. Mas sabendo que a missivista pode ser uma jovem já adulta, tendo em vista a discussão sobre a carta anterior, por que motivos manter a máscara e, por isso, a “mentira”, a encenação? Por que fazer uso de um discurso até relativamente infantilizado para com Emília/Lobato, se se tratar mesmo de uma jovem-moça? Afinal, no início e ao cabo, tratar-se-ia de uma pessoa “adulta”. Ou seria um recurso para mostrar a Lobato que a infância ainda mora na jovem?

No primeiro parágrafo, a missivista informa que ela teria recebido de Lobato, criador de Emília, uma pitada do pó do Pirlimpimpim e chegaria como “bomba atômica”. A ideia poderia ser a de quem anuncia à boneca que ela é tão avassaladora em seu texto quanto Emília nas obras? Queria ela concorrer nisso com a boneca equiparando-se a ela? Bem possível que alguns leitores se identificassem com a irreverência de Emília e, assim, quisessem impressionar, de fato, o real interlocutor, Lobato. Pituchinha pede a Emília se ela poderia pegar um pedaço da costeleta dela, com a relíquia, para que também ficasse no museu da menina/jovem (?) ou em algum museu que se criava na cidade de Belo Horizonte.

Essa informação, somada à da carta anterior, quando Pituchinha envia lembranças a Dona Lenyra, comprovam que a missivista conhecia inclusive a história da costela de Lobato que ele teria doado à biblioteca infantil e juvenil Monteiro Lobato de São Paulo e que lá se encontra até hoje. Ela também lembra Emília/Lobato de que já estava se preparando para a vinda deles, que também é cobrada, com insistência, na carta anterior.

17 Carta de Pituchinha (Rosa Alice Godoy). Belo Horizonte, 29/11/45, IEB/Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 01, P03, doc. 40.

Na sequência, o texto apresenta uma série de parágrafos com ideias lacônicas em cada um: o pasto para Quindim já preparado e esperando por ele; Pedrinho, Narizinho e Emília dormirão com ela, a interlocutora. Já com tia Nastácia e Dona Benta ela está pouco preocupada: “que se arrumem”! Esperava alojar Lobato na sua casa? Também recorda à Emília (ou Lobato?) que *História do Mundo para as crianças* será lido ainda para que ela possa discordar de algumas partes. Mais uma vez o assunto parece estabelecer relação com o descontentamento em relação à posição religiosa de Lobato. Embora Pituchinha afirme que ainda não lera o livro, devia conhecer a polêmica sobre ele.

Por fim, informa que não é necessário trazer uma pílula falante para ela, pois já “fala pelos cotovelos”, mas que peça uma ao Dr. Caramujo para o cachorrinho dela. O último parágrafo “Espero pelas costeletas de porco e a resposta” sugere que as tais costeletas tinham sido prometidas e a resposta de confirmação da ida a Belo Horizonte também. Na despedida, aparece: “A menina prodígio. Pituchinha”.

A carta apresenta quatro páginas de escrita. A última traz o nome de Pituchinha, Rosa Alice Godoy, quase como uma finalização do processo de dramatização da missivista, deixando a “máscara” finalmente cair! Vale lembrar que Pituchinha é um apelido de criança que, não se sabe, teria Rosa Alice criado para ela ou seria mesmo apelido dela que ela utiliza para dar mais fidedignidade à “máscara” que ela veste. Finalmente, Pituchinha anuncia o endereço dela, Rosa Alice, seguido de “As ordens”, sublinhado. Estaria, de fato, Rosa Alice Godoy informando a Lobato disponibilidade de sua residência para receber o escritor e sua família em Belo Horizonte?

São várias possíveis elucubrações que se tecem a partir do que Pituchinha escreve na carta para Emília. Não se tem dados sobre essa missivista em trabalhos acadêmicos aqui já citados e em outros consultados, mas, na tese de Patrícia Raffaini, a pesquisadora lembra que, ao fazer pesquisa em algumas cadernetas de anotações de Monteiro Lobato, hoje depositadas na seção de documentação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato de São Paulo, ela teria encontrado:

[...] na caderneta de número 7, relativa ao ano de 44, [...] o maior número de anotações sobre os leitores. Nessa caderneta temos a anotação de endereço de: Ary Soares, Celso Bentim, Cordelia F. Seta, Myralda Coragem, Carlos Alceu Junqueira, Rosa Alice Godoy, Geo B. David, Hilda Vilela e do pai de Lindenberg, José de Faria Ribeiro. Todos eles leitores que trocaram correspondência com Lobato. Sendo que muitos destes leitores tiveram contato pessoal com o autor (RAFFAINI, 2008, p. 90).

A anotação do nome de Rosa Alice Godoy, numa caderneta de 1944, e a carta datada dela a Lobato, de 1945, sugerem que deve ter havido cartas anteriores trocadas entre eles. A carta a Emília, como faz referência a algumas informações existentes na carta anterior, datada de 1945, muito provavelmente deve ter sido escrita em data posterior a esta. Infelizmente as informações da caderneta não esclarecem mais nada sobre a história de Godoy como missivista. Pelos dados presentes na primeira carta a Lobato, inclusive pelos assuntos nela apresentados, parece mesmo não se tratar de uma criança. Já na missiva destinada a Emília, embora a linguagem pareça menos séria (podendo-se até arriscar até mesmo a nomenclatura um pouco mais “infantilizada”, se se tiver em vista uma moça como missivista), é bem provável que a “máscara” nela construída fosse uma necessidade para se sentir ainda próxima de Lobato, com quem possivelmente ela tenha se correspondido quando mais jovem.

Enfim, a missiva de Pituchinha/ Rosa Alice Godoy a Emília não se trata de uma carta como a maioria enviada a Lobato pelas crianças e jovens, mas justamente por sua diferença em relação ao conjunto é que vale a pena ser estudada. Além disso, pode revelar o quanto era importante para alguns missivistas adentrarem na fantasia criada pelo mundo das obras infantis e usarem esse recurso como uma espécie de força argumentativa com o próprio escritor que, a partir de algumas cartas-respostas dele para alguns missivistas, construíam, nas próprias missivas, uma extensão do universo de imaginação existente no Sítio do Picapau Amarelo.

A título de exemplificação disso e de finalização deste texto, abaixo segue trecho de texto intitulado “O amigo das crianças”, publicado por Maria Eugênia Celso, no *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro. O recorte de jornal encontra-se arquivado na Pasta 33A da documentação também pertencente à seção de documentação da Biblioteca Monteiro Lobato, entretanto, sem a data de publicação. Sabe-se apenas que foi posterior à morte do autor, porque há essa informação no texto do jornal. Segue o trecho em que Maria Eugênia Celso informa sobre uma conversa de Lobato com sua filha, na época, com idade entre sete e oito anos, e que motivou a garota a escrever uma cartinha ao escritor dias depois. Na sequência, Lobato responde à menina. Eis trecho do texto de Celso:

Tão deliciosa foi esta cartinha, pois nela está todo Monteiro Lobato, e do melhor Monteiro Lobato, que não resisto ao comovido impulso de lhe transcrever uns trechos característicos: “Maria Victoria, recebi sua cartinha azul [...]. Quando contei para Emília que a mamãe da Vitorinha era dona Maria Eugênia, a burrinha fez cara de que não conhecia essa senhora, mas Dona Benta gritou de lá: –Pois é a autora daqueles lindos versos, cheios de “vocês”, que Narizinho recitou outro dia, – e então a Emília lembrou e deu uma risadinha. Peça licença a sua mãe para vir passar uma semana aqui no sítio de Dona Benta, que é o único lugar bonito mesmo que há no mundo. Temos aqui sabe quem? Aquele anjinho que na Viagem ao céu, a Emília encontrou com a asinha quebrada, lá na Via Láctea”.

Tão arrebatada ficou a garota com a perspectiva de uma semana no Sítio de Dona Benta e o encontro com o Anjinho, que foi um custo convencê-la que não podia ir, pois o sítio não existia. Chegou a chorar de obstinado desespero.

Fica, com isso, bastante marcada a importância que Lobato dava a seu jovem público leitor e o quanto a dedicatória que ele fez à jovem Marjori<sup>18</sup>, representativa de todos os seus jovens missivistas e comentada no início desse texto, na obra *A Barca de Gleyre*, representa o respeito a esse público e a atenção dada a ele nas missivas. Isto também pode ter dado a liberdade, a alguns desses jovens, de vestirem as mesmas máscaras para tentarem seduzir o escritor nos mesmos (ou quase) moldes dele: com a imaginação! Haja máscaras e mascarados no mundo do Sítio do Picapau Amarelo.

## REFERÊNCIAS

- Cavaleiro, E. (2017). *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora.
- Chealier, J.; GHEERBRANT, A. (2020). *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Edição Revista. 34 ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Chiaradia, K. N. P. (2016). *Edição de textos fidedigna e anotada das cartas trocadas entre Monteiro Lobato e Charles Frankie (1934-1937): Edição e estudo da correspondência entre Monteiro Lobato, Charles Frankie e alguns companheiros da Campanha Petrolífera, como Edson de Carvalho*. Tese de doutorado. Departamento de Teoria Literária, Unicamp.
- Debus, E. (2004). *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí: Univalde; Florianópolis: Editora da UFSC.
- Lajolo, M. (2006). *Quando o carteiro chegou.....: cartões postais a Purezinha*. São Paulo: Moderna.

18 Marjori Sundart foi uma jovem missivista de 12 anos que, ao saber que Lobato publicaria um livro de cartas, *A Barca de Gleyre*, arrisca-lhe pedir que ela seja incluída nesse livro comunicando a Lobato que sabia do projeto dele de publicar a correspondência com o amigo Rangel. Segundo Marjori, depois de receber algum tipo de esclarecimento sobre esse projeto de Lobato via, provavelmente, um amigo de ambos, que ela chama na sua cartinha de “Seu Moacyr”, informa a Lobato que “essas cartas vão nos ensinar, a todos nós, pirralhos, a escrever quando crescermos e aparecermos” (Arquivo Raul de Andrada e Silva, CX 02, P01, doc. 29). E Lobato atende ao pedido da jovem como, talvez, uma homenagem a todos seus jovens leitores que lhe escreveram e com ele dialogaram sobre sua obra infantil (essas informações pertencem, com alguma modificação na reprodução aqui, ao texto de Eliane Debus, *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*, 2004, pp. 169-170).

- Lobato, M. (1969). *Cartas de amor* (Prefácio, compilação e notas de Cordélia Fontainha Seta). São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, M. (1956). *A Barca de Gleyre*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2 vols.
- Lobato, M. (1959). *Memórias da Emília*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, M. (1969). *Cartas Escolhidas*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969, vol. 1.
- Raffaini P. T. (2008). *Pequenos Poemas em Prosa: vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 a 40*. 191f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, SP.
- Raffaini, P. T. (2015). Cartas das crianças: reflexões sobre a leitura nas décadas de 1930 e 1940 In *Revista Angelus Novus-USP* - Ano VI, n. 10, pp. 129-158.
- Santana-Dezmann, V.; Milton, J; D’Onofrio, S. T. (Orgs.) (2022). *Monteiro Lobato: Novos Estudos- III Jornada Monteiro Lobato*. Lúden-Alemanha: Oxalá.
- Silva, R. A. da (2009). *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária/IEL/UNICAMP, Campinas.
- Tin, É. (2014). *A Barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”* in LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (org.). São Paulo: UNESP.
- Vianna, A.; Frainz, P. (org.) (1986). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Rio de Janeiro: FGV.